

Sarney atribui a especuladores boatos de choque econômico

Telefoto de Luiz Antonio

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney negou ontem que esteja analisando ou discutindo a possibilidade de um choque econômico. Para ele, os "especuladores voltaram a agir em detrimento do País e as notícias de que a inflação pode chegar a 80%, em fevereiro só podem ter por objetivo incompatibilizar e criar problemas para o Presidente eleito, Fernando Collor".

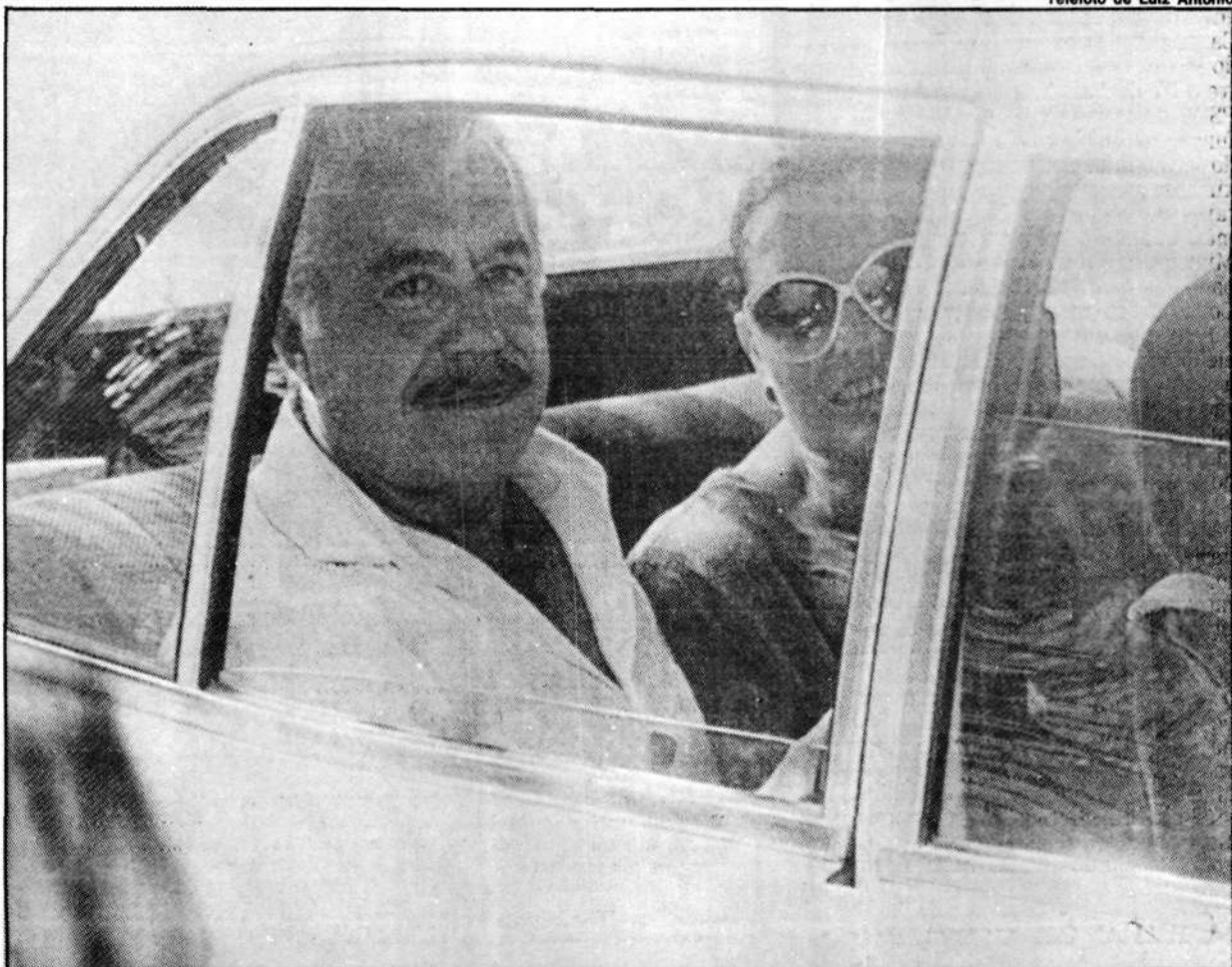
Sarney não acredita que a inflação possa estourar em fevereiro e disse não saber de onde saíram notícias que apontam para esta tendência. Em seu entender, os especuladores "conseguiram iludir a boa fé dos jornalistas". O Presidente também disse desconhecer as procedências de informações, segundo as quais estaria disposto a dar um quarto choque na economia do País.

O secretário particular de Sarney, Augusto Marzagão, garantiu que o atual Governo não estuda qualquer tipo de choque para combater a inflação. E respaldou sua informação com o argumento de que o Congresso está em recesso e o Presidente não estaria disposto a convocar os parlamentares, extraordinariamente, para aprovação de medidas provisórias neste sentido.

O Ministro-Chefe do Gabinete Civil, Luiz Roberto Ponte, disse que a disposição do Governo, de negociar com o Presidente eleito não foi bem entendida pela equipe de Collor. O Presidente Sarney não vai abrir mão das suas decisões nesta fase de transição, enfatizou o Ministro, negando que o Governo esteja pedindo ajuda à equipe econômica por ter perdido o controle da situação econômica.

— Não queremos dividir responsabilidades. O Governo não está pedindo água. Propomos a negociação, porque achamos que trabalhar em conjunto nessa fase é melhor para o País — disse o Ministro.

O gesto do Governo em direção à equipe do Presidente eleito demonstra civilidade, na opinião de Ponte. Hoje, o Ministro se encontra pela



O Presidente Sarney e Dona Marly deixam a residência da Praia do Calhau, antes de embarcar para a Ilha de Curupu

primeira vez com a equipe de transição de Collor: a economista Zélia Cardoso de Mello, os Deputados Renan Calheiros e Cleto Falcão, o Embaixador Marcos Coimbra e o jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva.

A reunião terá um caráter político, sem uma discussão mais detalhada da crise econômica, segundo Ponte. Os contatos técnicos serão realizados pela economista Zélia Cardoso de

Mello e sua equipe. Esses contatos podem começar ainda hoje oficialmente, mas já estão acontecendo de maneira informal há alguns meses.

A disposição do Governo, segundo o ministro do Gabinete Civil, é de facilitar ao máximo o acesso da equipe de Collor às informações da área econômica. Ponte considera importante que haja um detalhamento dessas informações para que o novo go-

verno possa tomar decisões baseadas na real situação do País.

O presidente Sarney também defende essa tese e já concordou em destinar um prédio público para a equipe de Collor trabalhar no período de transição. Três alternativas estão sendo estudadas, mas não há ainda decisão do local a ser usado. Esse é um dos assuntos a serem tratados na reunião de hoje entre Ponte e a equipe de Collor.

Em cinco anos, o Natal mais calmo

SÃO LUÍS (Da enviada especial) — O choro da neta Adriana, filha de Fernando Sarney, foi o único contratempo que o Presidente José Sarney enfrentou ontem de manhã quando viajou para a Ilha do Curupu, onde ficará descansando até o dia 3 de janeiro. Tranquilo, o Presidente embarcou no helicóptero da Força Aérea Brasileira acompanhado de Dona Marly. Os filhos e netos seguem hoje para a Ilha, menos o Deputado Sarney Filho, que continua no Rio.

A noite de Natal do Presidente foi a mais calma de todo o seu mandato. Apenas os amigos compareceram à ceia, que teve a presença dos repentistas Jonas Martins, Souza Brito e Francimar, que há 20 anos cantam para a família Sarney no Natal.

— A música de que o Presidente mais gosta é a descrição de São Luís — contou Jonas Martins, no final de tarde do dia 24, enquanto esperava a hora de entrar na casa da Praia do Calhau.

Jonas disse que outra música favorita é uma que conta a história de todos os Presidentes nos cem anos de República brasileira.

Ao receber os jornalistas, na noite de Natal, o Presidente mostrou orgulhoso sua biblioteca com 25 mil volumes e contou que há mais dez mil livros em Brasília:

— São livros raros, com os quais tenho uma ligação afetiva forte.

Roteiro sentimental e bem-humorado

Algumas das histórias que Sarney conta

MÁRCIA MARQUES

Entre as histórias previstas para o "roteiro sentimental" de São Luís que pretende escrever, o Presidente Sarney incluirá algumas sobre o refrigerante Jesus, uma das bebidas mais populares do Maranhão.

— Quando o Presidente Jânio Quadros ainda era candidato, veio a São Luís, em campanha, e tomou o Jesus. Ele disse que a bebida era ótima — contou Sarney.

Alguns meses antes de renunciar, Jânio voltou à cidade e disse no ouvido de Sarney:

— Pelo amor de Deus, só não me faça beber aquele refrigerante horrível com gosto de bombom.

Sobre o fim de seu mandato, Sarney disse que será lembrado pela democracia que conseguiu implantar no País. Ele citou uma frase do líder britânico Winston Churchill para sustentar sua expectativa:

— Uma vez Churchill foi pergun-



tado sobre o que era democracia. Ele respondeu que era o cidadão comum ter certeza de que quando tocassem a campanha seria apenas o leiteiro. No meu governo, as pessoas sabiam que quando tocava a campanha não era a Polícia, era o leiteiro — comparou o Presidente, garantindo que pretende continuar lutando para que o som da campanha não cause sobressaltos.

Aos jornalistas que normalmente fazem a cobertura de final de ano do Presidente da República, Sarney disse que o próximo Natal vai ser

mais interessante do que os dos últimos cinco anos.

— Vocês irão a Paris — disse o Presidente, numa alusão ao Presidente eleito, Fernando Collor, que habitualmente viaja para a Capital francesa nesta época do ano.

Sarney disse que a primeira coisa que deseja fazer no dia em que deixar de ser Presidente da República é comprar um "chinelo de rabicho" (uma sandália de couro que é vendida no Maranhão) e caminhar tranquilo pelas praias de São Luís.